

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora

© 2014, Direitos reservados para Marcador Editora  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

© 2010, Nelson DeMille  
www.nelsondemille.net

Título original: *The Lion*  
Autor: Nelson DeMille  
Tradução: Isabel Baptista  
Revisão: Silvina de Sousa  
Paginação: Maria João Gomes  
Capa: Épica Prima  
Ilustrações: © Alejandro Colucci  
Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-079-0  
Depósito legal: 376 504/14

1.ª edição: junho de 2014

À minha família  
Sandy, Kauren, Alex e James,  
com amor

## NOTA DO AUTOR

A Brigada Antiterrorista representada neste romance baseia-se na verdadeira Brigada Conjunta Antiterrorista; tomei no entanto algumas liberdades literárias quando necessário.

A Brigada Conjunta Antiterrorista é uma organização de homens e mulheres dedicados, profissionais e trabalhadores que ocupam a linha da frente na guerra ao terrorismo na América.

As ações e os procedimentos da Brigada, assim como os da Polícia de Nova Iorque e outras agências da lei e dos serviços secretos representadas neste romance, são factuais ou baseados em factos; contudo, tomei algumas liberdades dramáticas. Alterei também alguns factos e procedimentos que me foram contados em confidência.

# PARTE I

## NOVA IORQUE E NOVA JÉRSIA

## CAPÍTULO I

**O**ra estou sentado num *Chevy* todo-o-terreno na Terceira Avenida, à espera do meu alvo, um fulano chamado Komeni Salsicha ou coisa que o valha, um cavalheiro iraniano que é o terceiro delegado não-sei-quê da Missão Iraniana das Nações Unidas. Na verdade, tenho tudo apontado para o meu relatório, mas isto é do que me lembro assim de repente.

Já agora sou o John Corey, um agente da Brigada Federal Anti-terrorista. Já fui detetive de homicídios da Polícia de Nova Iorque, mas estou reformado por ferimentos incapacitantes — no entanto, a minha mulher diz que também estou moralmente incapacitado e que por isso aceitei este trabalho como agente contratado dos Federais, que têm dinheiro a mais para o antiterrorismo e nem sabem onde o gastar.

A Brigada é quase toda composta pelo FBI e eu trabalho lá no número 26 da Federal Plaza, na baixa, com os meus colegas do FBI, onde se inclui a minha mulher. Não é nada mau e o trabalho consegue ser interessante. Porém, trabalhar para o Governo federal — e para o FBI em particular — é um desafio.

Por falar no FBI e nos desafios, a minha condutora de hoje é a agente especial do FBI Lisa Sims, acabadinha de sair de Quântico, vinda de East Wheatfield, no Iowa, ou de outro sítio qualquer, e o edifício mais alto que ela já tinha visto era um silo de cereal. Além disso, ainda não conduz lá muito bem em Manhattan, mas

quer aprender. E é por isso que ela está sentada onde eu devia estar.

— Quanto tempo vamos esperar por este tipo? — perguntou-me Ms. Sims.

— Até que ele saia do prédio.

— E o que vai ele fazer?

— Estamos aqui para descobrir isso mesmo.

— O que temos contra ele, quero eu dizer. Porque estamos a observá-lo?

— Para fazer um perfil racial.

Nenhuma resposta.

— É um oficial iraniano dos serviços secretos militares com cobertura diplomática — acrescentei, para ser bom camarada. — Como sabe, temos informações de que ele pediu que o carro e o motorista estivessem à sua disposição a partir da uma da tarde. É tudo o que sabemos.

— *Okay.*

Lisa Sims parecia ser suficientemente esperta e sabia quando devia parar com as perguntas. Como agora. Além disso, é uma rapariga atraente, do tipo arranjadinho, e vestiu roupa informal para esta missão, com calças de ganga, ténis e uma *T-shirt* verde-clara que mal lhe escondia a *Glock* de calibre 40 e o coldre de cintura. Eu também estava com ténis — nunca se sabe quando temos de correr —, calças de ganga, *T-shirt* preta e um casaco desportivo azul que escondia a minha *Glock* de 9 mm, o meu rádio, o meu pente e as pastilhas de mentol. Melhor do que andar com uma mala, como Ms. Smith.

Enfim, era um belo dia de maio e o grande relógio ornamental do outro lado da rua indicava três e dezassete. Esperávamos esta personagem há mais de duas horas.

A Missão Iraniana das Nações Unidas situa-se nos últimos pisos de um edifício de escritórios de trinta e nove andares na Terceira Avenida, entre a East 40th Street e a 41st Street. Por causa das Nações Unidas, Manhattan alberga mais de cem missões estrangeiras e consulados, além de residências, e nem todos esses países são nossos amigos. Por isso, temos uma série de maus atores a passar-se por diplomatas, que têm de ser observados, e é uma chatice do caraças. Deviam mudar as Nações Unidas para o Iowa. Mas talvez

eu não me devesse queixar — observar gajos beras é o que me paga a renda.

Hoje eu sou o líder da equipa, o que é uma garantia de sucesso. Comigo, nesta missão de vigilância, estão mais quatro agentes a pé e mais três veículos — um *Chevy* todo-o-terreno e duas carrinhas *Dodge*. Os outros três veículos também têm um agente da polícia de Nova Iorque e um agente do FBI, o que quer dizer que pelo menos uma das pessoas dentro do veículo sabe o que está a fazer. Peço desculpa, isto não foi simpático.

Além dos agentes, e para vossa informação, cada veículo está equipado com o pacote completo da Polícia — luzes de sinalização na grelha, sirene, vidros fumados, e por aí fora. Dentro do veículo temos câmaras digitais *Nikon* de 35 mm com teleobjetivas, câmaras de vídeo *Sony* de 8 mm, rádios portáteis, uma impressora, e coisas assim. Todos nós trazemos uma muda de roupa, um colete de *kevlar*, passes para os transportes públicos, telemóveis *Nextel* com funções de *walkie-talkie*, e por vezes uma espingarda com mira telescópica e outros equipamentos, dependendo da missão. Como, por exemplo, um aparelhinho que deteta substâncias radioativas, nas quais nem quero pensar.

Em todo o caso, estamos preparados para tudo. É assim desde o 11 de Setembro. Mas, como sabem, as merdas acontecem mesmo quando andamos com um escudo à prova de merda.

Brinquedos de alta tecnologia à parte, no fim de contas o que precisamos de trazer connosco é um cérebro em alerta e uma arma.

Quando eu era *bófia* fazia muita vigilância, por isso estou habituado a isto, mas a agente especial Sims está a ficar impaciente.

— Talvez não o tivéssemos visto — disse ela.

— Pouco provável.

— Talvez ele tenha mudado de planos.

— Acontece.

— Aposto que fazem isso de propósito.

— Também acontece.

Passaram mais quinze minutos e a agente especial Sims usou esse tempo para estudar um mapa das ruas e do metro de Manhattan.

— Onde mora? — perguntou-me.

Olhei para o mapa, apontei e disse:

— Aqui. Na East 72nd Street.

Ela deu uma olhadela pelo para-brisas e comentou:

— Não é longe daqui.

— Pois não. Tem algum mapa do Iowa? Podia mostrar-me onde mora.

Ela riu-se.

Alguns minutos mais tarde, perguntou-me:

— Que sítio é aquele atrás de nós? Au Bon Pain.

— É um café. Uma cadeia de cafés.

— Acha que posso ir lá num instante comprar um queque?

Bem, ela tinha sapatos de corrida, mas a resposta era não. No entanto, se Ms. Sims se afastasse do todo-o-terreno e o Komeni Sal-sicha saísse do edifício e se metesse num carro, eu poderia arrancar e livrar-me dela.

— John?

— Bem...

O meu rádio trepidou e uma voz — um dos tipos a pé — anunciou:

— Alvo a sair do prédio pelo pátio, na rua e em movimento.

— Claro, pode ir — disse à Sims.

— Ele não acabou de dizer...?

— Espere. — Olhei para o pátio que separava o prédio do edifício adjacente, onde dois dos meus colegas a pé ajudavam a manter Nova Iorque limpa, a varrer o lixo.

O rádio trepidou novamente e o Varredor Número Um informou:

— Alvo dirige-se para leste, para a Terceira.

Vi o nosso alvo a atravessar o pátio e depois a passar por baixo do arco ornamental e do relógio. Era um tipo alto, muito magro, com um fato risca de giz de bom corte. Costumamos dar alcunhas ou nomes de código aos alvos, e aquele fulano tinha uma grande bicanca e mexia a cabeça como um pássaro, por isso comuniquei pelo meu rádio:

— De aqui em diante, o alvo é o Passarão.

O Passarão estava agora no passeio e de repente um outro fulano — com aspeto de ser do Médio Oriente — veio ter com ele. Não consegui reconhecer este tipo novo, mas o Passarão parecia conhecê-lo e aparentemente ficaram felizes e surpreendidos por se encontrarem, o que era uma treta completa. Apertaram a mão e eu achei que estavam a passar alguma coisa. Ou então apenas apertavam a mão. Nunca se sabe. Mas se sabem ou suspeitam que estão a ser observados, por vezes gozam connosco.

Enfim, o Passarão tinha imunidade diplomática e é evidente que não o íamos prender por apertar a mão a outro cavalheiro do Médio Oriente. Na verdade, agora tínhamos duas pessoas para observar.

O Passarão e o desconhecido separaram-se; o desconhecido dirigiu-se para norte, pela Terceira Avenida, enquanto o Passarão ficou quieto. Tudo isto estava a ser registado em fotografias e vídeo, claro, e talvez alguém no número 26 da Federal Plaza conhecesse este outro fulano.

— Unidades Três e Quatro, sigam o desconhecido e tentem identificá-lo — disse pelo rádio.

Eles confirmaram e Ms. Sims comentou:

— Acho que isto não foi um encontro fortuito.

Não respondi com sarcasmo, nem sequer revirei os olhos. Só disse:

— Acho que tem razão. — Ia ser um dia longo.

Um minuto mais tarde, um grande *Mercedes* cinzento encostou junto ao Passarão e eu vi a matrícula diplomática azul e branca, com quatro números e as letras DM, que por alguma razão desconhecida é a designação do Departamento de Estado para o Irão, e a seguir mais um D, que significa Diplomata, o que eu já entendo.

O motorista, mais um cavalheiro iraniano, saltou do carro e contornou-o a correr, como se fosse perseguido por comandos israelitas. Fez uma grande vénia — eu devia pôr a minha condutora a fazer aquilo — e abriu a porta, e o Passarão instalou-se no banco de trás.

— O Passarão está no veículo — disse pelo rádio. Dei o modelo, a cor do carro e a matrícula, e a Unidade Dois confirmou. A Unidade Dois, já agora, é a segunda carrinha *Dodge*, conduzida por um tipo que eu conheço, Mel Jacobs, um detetive da Unidade dos Serviços Secretos da Polícia de Nova Iorque. O detetive Jacobs é judeu e fala um pouco de hebraico, que utiliza quando interroga suspeitos que falam árabe. Isso e a estrela de David que ele usa fazem estes gajos entrar em órbita, o que é giro de observar.

Enfim, o outro tipo que hoje está com o Mel é George Foster, um agente especial do FBI com quem já trabalhei e de quem gosto, porque ele sabe por experiência própria como sou brilhante.

O *Mercedes* dirigiu-se para norte, pela Terceira Avenida, e a agente especial Sims perguntou:

— Devo segui-lo?

— É capaz de ser uma boa ideia.

Ela arrancou com o todo-o-terreno e lá fomos nós, a trilhar o nosso caminho através do trânsito intenso. Os condutores de Nova Iorque dividem-se entre os bons e os mortos. Isto é darwinismo. Ms. Sims iria evoluir ou extinguir-se. E eu estaria no banco do passageiro para testemunhar uma coisa ou a outra.

O condutor iraniano, que eu achei que já seguira antes, era errático e eu não percebia se ele conduzia assim para perdermos o rasto ou se era apenas um motorista mesmo mau — assim como se a última coisa que ele tivesse conduzido fosse um camelo.

Entretanto, a agente especial Sims tinha o queixo em cima do volante, entre os nós dos dedos completamente brancos, e o seu pé direito movia-se do travão para o acelerador como se tivesse a síndrome das pernas inquietas.

O *Mercedes* virou subitamente pela 51st Street e Ms. Sims foi atrás dele.

A Unidade Dois continuou pela Terceira Avenida, onde cortou à esquerda, pela 53rd, e se manteve paralela a nós até lhe conseguir dizer o que o *Mercedes* fazia. Não queremos ter um cortejo a seguir o veículo alvo; queremos baralhá-lo um pouco.

Dirigíamo-nos para oeste e passámos ao lado da catedral de São Patrício, atravessando depois a Quinta Avenida. O veículo seguiu em frente e eu comuniquei à Unidade Dois.

Não fazia ideia para onde o Passarão ia, mas seguia para o Theater District e a Times Square, onde estes fulanos por vezes iam experimentar a cultura americana, como espeluncas de *striptease* e bares de *topless*. Quer dizer, eles não têm muito disso lá na Desertolândia, certo?

O *Mercedes* fez pisca na Sétima Avenida, mas nós não fizemos e ficámos presos atrás de três veículos. Agora eu já não conseguia avistá-lo, mas vira-o a seguir pela 51st. Liguei as luzes e a sirene, e os veículos à nossa frente desviaram-se para o lado, Ms. Sims encolheu-se para passar e disparou pelo sinal vermelho, atravessando o trânsito para sul da Sétima Avenida.

Cruzámos a avenida e eu desliguei as luzes e a sirene. Continuámos para oeste pela 51st.

Ms. Sims olhou-me de soslaio, como se quisesse um elogio ou qualquer coisa, por isso murmurei:

— Boa condução.

Comuniquei a nossa posição pelo rádio à Unidade Dois e disse:

— Tenho o veículo-alvo à vista.

Passámos por uma área conhecida como Hell's Kitchen, que antigamente era um belo bairro de lata, mas que se estragou com a afluência dos *yuppies*. Não fazia ideia para onde é que o Passarão se dirigia, mas talvez fosse atravessar o rio Hudson.

— Ele pode ir para Jérсия — disse a Ms. Sims.

Ela assentiu.

Na verdade, noventa por cento das nossas vigilâncias não vão dar a lado algum. Abdul anda simplesmente por aí às voltas, ou tenta afastar-nos de outra coisa qualquer que está a acontecer. Ou então apenas pratica as suas técnicas de contravigilância.

No entanto, de vez em quando deparam-se-nos situações a sério — como um destes diplomatas a encontrar-se com um sacana conhecido. Fazemos mais vigilâncias do que detenções ou interrogatórios, porque estas personagens podem dizer-nos mais quando os mantemos debaixo de olho do que nos diriam numa sala de interrogatório. De qualquer forma, não podemos interrogar os diplomatas, e tratar-lhes da expulsão é para gente com um nível de salário mais alto do que o meu.

De vez em quando fazemos uma detenção, e eu faço parte da equipa do interrogatório, que é bastante mais divertido do que andar a seguir estes palhaços. Quer dizer, *eu* divirto-me; eles não.

O objetivo, evidentemente, é impedir mais um 11 de Setembro ou coisa pior. Até agora tudo bem. Mas isto já está demasiado calmo há muito tempo. Mais exatamente há ano e meio desde esse dia. Por isso, será que temos sorte, ou que somos bons? Com certeza os maus não desistiram; portanto, logo veremos.

O *Mercedes* continuou, em direção à Décima Segunda Avenida, que passa ao longo do rio Hudson e é o sítio onde termina a civilização. Não quero ofender Nova Jérсия, mas este ano não tomei as injeções contra a malária.

Comuniquei à Unidade Dois que íamos para sul, pela Décima Segunda.

Não há muito trânsito nesta área de armazéns e de cais, por isso o *Mercedes* ganhou velocidade, e Ms. Sims acompanhou-o sem dar nas vistas.

O *Mercedes* passou as curvas que dariam para a entrada do Túnel Lincoln e continuou para sul, em direção à baixa de Manhattan.

— Para onde acha que ele vai? — voltou a perguntar Ms. Sims.

— Talvez para um cais. Talvez tenha um encontro com um iate saudita que traz um engenho nuclear.

— Cruzes!

— Por favor não diga palavrões.

— Merda.

— Assim está melhor.

Estávamos a fazer um bom tempo pela Décima Segunda Avenida abaixo. Consegui ver a Unidade Dois pelo meu retrovisor e comunicámos o contacto visual. A esta altura, o condutor iraniano já devia ter percebido que estava a ser seguido, mas estes tipos são tão parvos que nem conseguem encontrar-se a *si mesmos* num espelho, quando mais alguém atrás deles.

Talvez tivesse falado cedo demais, porque o fulano subitamente abrandou, e Ms. Sims calculou mal a nossa velocidade relativa. Estávamos demasiado perto do *Mercedes*, sem ninguém entre nós e ele. Consequia ver a cabeça do Passarão no banco de trás, à direita, e ele falava ao telemóvel. A seguir o condutor deve ter-lhe dito qualquer coisa, porque o Passarão virou-se para trás no assento, olhou para nós, sorriu e fez-nos um manguito com o dedo. Retribuí-lhe a saudação. Idiota.

— Desculpe — disse a Ms. Sims, deixando-se ficar para trás.

— Tem de estar atenta às luzes dos travões deles — aconselhei.

— Pois.

Bem, não é o fim do mundo quando o alvo nos descobre. Acontece em cerca de metade das vezes quando estamos de automóvel, mas menos se estivermos a pé.

No entanto, tínhamos um plano B e liguei à Unidade Dois e expliquei que já estávamos queimados. Disse a Ms. Sims que se deixasse ficar ainda mais para trás e a Unidade Dois ultrapassou-nos e retomou o rasto visual.

Proseguimos todos e eu mantive a Unidade Dois à vista.

Podia ter pedido mais um veículo de vigilância, mas os iranianos não estavam a fazer nenhuma fuga nem evasão, por isso deixei apenas a coisa desenrolar-se. Podiam ter a certeza de que não os iríamos perder, e se hoje eu lhes lixasse os planos, já seria um bom dia de trabalho.

Chegámos ao fundo da West Village e a Unidade Dois comunicou que o alvo estava a virar para West Houston.

— Acho que este gajo nos topou — disse Jacobs.

— Então põe-te ao lado dele e faz-lhe um manguito.

— Hã?

— Ele esticou o dedo para mim.

Ouvi-o a rir pelo rádio, e a seguir a Unidade Dois transmitiu:

— O alvo está a virar para a rampa de entrada do Holland.

— Recebido.

Dali a uns minutos, estávamos na rampa de entrada do túnel.

Não há postos de portagem neste sentido, por isso o trânsito movia-se rapidamente para a entrada do túnel. Dei uma dica a Ms. Sims:

— Quase nenhum destes carros diplomáticos tem E-ZPass<sup>1</sup>. Eles não querem deixar registos dos seus movimentos. Por isso, quando há portagens, ficam na fila para pagar, que é muito lenta, e se passar pela via do E-ZPass, vai ficar à frente deles, o que não se pretende.

Ela assentiu.

A Unidade Dois estava no túnel e nós fomos também. No interior do longo túnel, Ms. Sims voltou a perguntar:

— Para onde acha que eles vão?

Desta vez eu sabia.

— Nova Jérsia. — E expliquei: — É para lá que vai o túnel.

Ela não respondeu àquele bocadinho de filosofia zen, mas informou:

— Os diplomatas iranianos não podem deslocar-se a mais de um raio de quarenta quilómetros a partir de Manhattan.

— Certo. — Acho que eu sabia disso.

Não tinha mais nenhuma informação para mim, por isso continuámos num silêncio de ouro. Os túneis por baixo dos rios em volta de Manhattan são, evidentemente, alvos de primeira para os nossos amigos do Médio Oriente, mas não me parecia que o Passarão se fosse fazer explodir no túnel. Quer dizer, porque haveria de vestir um fato tão bom para fazer isso? Além de que, seria preciso um camião grande para romper de facto o túnel até ao rio. Certo?

Sáímos do túnel e levei um pouco a ajustar os olhos à luz do sol. Não consegui ver o *Mercedes*, mas avistei a Unidade Dois e indiquei-a

---

<sup>1</sup> Equivalente à Via Verde (*N. da T.*).

a Ms. Sims, que a seguiu. A Unidade Dois comunicou que tinha o alvo à vista.

Estávamos agora em Jersey City e metemo-nos pela Pulaski Skyway, com uma paisagem de grossas colunas de fumo.

— Para onde acha que ele vai? — perguntei a Ms. Sims.

Ela reconheceu a pergunta, sorriu e respondeu:

— Como haveria eu de saber?

Aproximámo-nos do acesso à Interestadual 95 e propus:

— Dez dólares se ele for para sul. — E acrescentei: — Aeroporto de Newark.

— O que fica a norte? — perguntou.

— O Polo Norte. Vá lá; aposta?

Ela pensou um momento e concluiu:

— Bem, ele vai para sul, mas não leva bagagem para o aeroporto, a menos que esteja na mala.

— Então escolhe o norte?

— Não. Digo que ele vai para sul, mas não para o aeroporto. Para Atlantic City.

Eu não via a linha de raciocínio que levava Ms. Sims até Atlantic City, mas respondi:

— *Okay*. Dez dólares.

— Cinquenta.

— Está apostado.

— O alvo tomou a entrada para sul, para a Noventa e Cinco — transmitiu a Unidade Dois pelo rádio.

— Recebido.

Então seria o Aeroporto de Newark ou talvez Atlantic City. Quer dizer, estes tipos iam de facto a AC para jogar, beber e dar uma queca. Não que eu conheça alguma dessas coisas em primeira mão. Mas já segui o Abdul até lá em várias ocasiões.

Eu ainda conseguia ver a Unidade Dois e eles viam o veículo-alvo.

— O alvo passou a saída para o Aeroporto de Newark — transmitiu o Jacobs.

— Já me pode pagar — avisou Ms. Sims.

— Ele pode ir para Fort Dix — disse. — Para espiar uma instalação militar, está a ver? Ele é dos serviços secretos militares — lembrei-lhe.

— E o motorista e o *Mercedes* são um disfarce de quê?

Não respondi.

Continuámos, atingindo velocidades de cento e trinta quilómetros por hora na Route 95, conhecida aqui como a New Jersey Turnpike.

— Ele ultrapassou o limite dos quarenta quilómetros — anunciou Ms. Sims.

— Ótimo. Quer continuar a segui-lo, ou matá-lo já?

— Estou só a fazer uma observação.

— Está anotada.

Prosseguimos.

— Sabe, talvez devesse pedir reforço aéreo — comentei para Ms. Sims.

Ela não respondeu, por isso continuei a explicar:

— Temos um observador aéreo que podemos usar. Torna o nosso trabalho mais fácil.

Comecei a mudar a frequência do rádio, mas Ms. Sims disse:

— Ele tem uma reserva no Taj Mahal.

Tirei a mão do botão e inquiri:

— Como sabe?

— Tivemos uma informação.

— E quando ia partilhar isso comigo? — quis eu saber.

— Depois de comer o meu queque.

Fiquei um bocadinho chateado. Ou talvez muito.

Alguns minutos mais tarde, ela perguntou:

— Já não vai falar mais comigo?

De facto não ia, por isso não respondi.

— Mas temos de o seguir para vermos se ele vai realmente para o Taj e se faz o *check-in* — disse ela. — Já lá temos uma equipa, por isso, depois de eles o começarem a seguir, podemos dar meia volta e voltar para Nova Iorque.

Não lhe dei resposta.

— Não me deve cinquenta dólares — garantiu-me ela. — De facto, eu é que lhe pago uma bebida.

Não servia de nada continuar zangado, por isso respondi:

— Obrigado.

Ou seja, típico do FBI. Não nos dizem nada até termos o cu a arder. E os agentes especiais, como Ms. Sims e a minha mulher, são todos advogados. Preciso de dizer mais?

Comuniquei a minha nova informação pelo rádio à Unidade Dois e aconselhei o Mel e o George a ficarem em contacto connosco para o caso de a nossa informação estar errada e o Passarão se dirigir para outro lado qualquer.

— Como soubeste disso? — perguntou Mel.

— Mais tarde conto-te.

Continuámos.

— Temos cerca de duas horas — disse Ms. Sims. — Explique-me tudo sobre vigilância. Gostaria de saber o que aprendeu nos últimos quarenta anos.

Não fora assim tanto tempo e com certeza ela sabia; estava apenas a fazer uma piada com a minha idade. Na verdade, tinha sentido de humor, uma raridade entre os seus colegas; por isso, para mostrar que alinhava no jogo e para lhe demonstrar o espírito da cooperação entre o FBI e a Polícia de Nova Iorque, respondi:

— Está bem. Eu falo, você ouve. Guarde as perguntas para o fim.

— Vai haver teste?

— Todos os dias.

Ela assentiu.

Chegámos à Garden State Parkway. Recostei-me e compartilhei os meus extensos conhecimentos sobre as técnicas de vigilância, intercalados com histórias anedóticas e pessoais de vigilância, incluindo as que tinham corrido mal.

Os criminosos que segui ao longo dos anos eram todos bastante palermas, mas quando cheguei à Brigada dei-me conta de que os tipos que nós seguíamos — diplomatas e suspeitos de terrorismo — não eram assim tão palermas. Quer dizer, não são exatamente espertos, mas *são* paranoicos, em parte porque a maioria vem de estados policiais, e isso torna-os pelo menos cientes de que estão debaixo de olho.

Ms. Sims, fiel à sua palavra, não interrompeu enquanto eu a mantinha fascinada com as minhas histórias. Na verdade não gosto de me gabar, mas este era um momento didático; portanto, como é que o poderia evitar? E, como digo, fui franco a respeito dos fiascos.

Quanto a isso, e ainda sobre os mauzões espertos, só me tinha cruzado com dois génios do mal nos meus três anos na Brigada. Um era americano e o outro um fulano líbio com um grande ressentimento contra os Estados Unidos. Não só era mau e esperto, como

também era uma perfeita máquina assassina. A minha experiência com o líbio tinha menos que ver com a vigilância do que com caçadores e caçados, e em determinadas alturas eu não tivera a certeza se era o caçador ou a presa.

Este episódio não tivera um final feliz e, mesmo que houvesse alguma lição a aprender ou a ensinar, todo o caso estava classificado como ultrassecreto e restrito, o que significava que eu não o podia partilhar com Ms. Sims nem com mais ninguém, nunca. O que por mim estava ótimo.

Mas eu tinha a certeza de que um dia haveria um ajuste de contas. Ele prometera-me isso.

## CAPÍTULO 2

Umas três horas depois de Ms. Sims não ter comido o seu queque em Manhattan, seguimos pela longa alameda ladeada por fontes do Trump Taj Mahal. O Taj está rematado por cúpulas bojudas e minaretes, por isso talvez o Passarão julgasse que aquilo era uma mesquita.

Ms. Sims tinha o contacto da nossa equipa local e ligou antes de ali chegarmos para lhes dizer que o sujeito ia a caminho e pedir-lhes que fossem para a receção. Descreveu também o que ele tinha vestido e informou:

— O nome de código do sujeito é Passarão.

Liguei pelo rádio à Unidade Dois, estacionada a alguma distância da entrada, e declarei:

— Podem ir-se embora.

Mel Jacobs e George Foster ofereceram-se para ficar por ali, mesmo sem estarem já de serviço, e eu respondi:

— Façam o que quiserem. O tempo é vosso.

Pela natureza deste trabalho e desta Brigada, todos nós confiamos uns nos outros para fazer a coisa certa. Há regras, claro, mas somos informais e estamos livres de grande parte das tretas burocráticas do trabalho. E aquilo que faz realmente a Brigada funcionar, na minha opinião, é o facto de cerca de metade dos agentes serem polícias reformados, como eu, o que significa que não estamos preocupados com as nossas carreiras; isto é um segundo ato, talvez o último, e

podemos improvisar bastante, sem nos preocuparmos com o passar das marcas. Além disso, pomos o traquejo da Polícia de Nova Iorque em cima da mesa. Os resultados podem variar, evidentemente, mas na maior parte das vezes damos conta do serviço.

O condutor afastou-se no *Mercedes* sem o Passarão, que entrou no hotel com um saco pequeno. Não podíamos entregar o nosso veículo todo equipado ao empregado do estacionamento, por isso parámos simplesmente ao pé da entrada e trancámo-lo. Mostrei o meu cartão e disse:

— Assunto oficial. Vigie o carro.

Dei uma nota de vinte ao fulano do estacionamento e ele respondeu:

— Sem problemas.

Entrámos no grande átrio de mármore ornamentado e avistei o Passarão na receção VIP, assim como dois fulanos que reconheci como sendo das Operações Especiais. Trocámos um olhar e eles fizeram sinal de que estavam a tratar do caso.

Ótimas notícias. Está na altura de ir tomar uma bebida.

Não me parecia que o Passarão nos conseguisse reconhecer pela nossa breve troca de saudações à distância, por isso acompanhei Ms. Sims, passando pelo sítio onde ele fazia o *check-in*. Quer dizer, ele sabia que fora seguido até ali, mas não estava propriamente a olhar por cima do ombro. Não era suposto ele estar tão longe da Terceira Avenida, mas nós não fazemos caso disso, a menos que alguém de Washington queira que façamos. Os diplomatas da maioria dos países podem viajar livremente pelos Estados Unidos, mas alguns, como os cubanos, estão confinados a Nova Iorque ou a um determinado raio, como os iranianos. Se fosse à minha maneira, eles estariam todos a viver e a trabalhar no Iowa. A verdade é que nós não temos qualquer relação diplomática com o Irão desde que eles tomaram a nossa embaixada e mantiveram os funcionários como reféns, mas eles eram membros das Nações Unidas, por isso estavam aqui. Além disso, uma vez que não temos diplomatas no Irão, podemos chatear estes gajos sem nos preocuparmos com as retaliações deles lá, na Desertolândia. Na verdade... fiquem atentos.

Enfim, aproveitámos para ir à casa de banho e a seguir fomos para a zona do casino e eu perguntei a Ms. Sims:

— Quer um queque?

— Estou a dever-lhe uma bebida.

Encaminhei-me para o Salão do Ego, que ao fim da noite se torna o Salão da Líbido. Sentámo-nos ao balcão e Ms. Sims perguntou:

— Já aqui tinha estado?

— Acho que talvez já em serviço.

O *barman* — que na verdade era uma senhora de grandes... olhos — perguntou o que íamos beber, e Ms. Sims pediu vinho branco, enquanto eu quis o meu habitual *Dewar's* com soda.

Tilintámos os copos e ela brindou:

— Saúde — e perguntou: — Porque estamos aqui?

— É só para termos a certeza de que o Passarão veio para jogar e não para se encontrar com alguém — respondi.

— Nós temos uma equipa aqui — lembrou-me ela. — Além disso, o Passarão pode encontrar-se com alguém no quarto dele e não vamos saber.

— Os tipos das Operações Especiais iam saber — disse. — Vai querer estar por aqui se acontecer alguma coisa. Estar no sítio certo na altura certa não é um acidente. Prestou atenção às minhas histórias?

— A cada palavra.

— Tem mais algum sítio aonde ir?

— Não.

— Ótimo. Vamos dar-lhe uma hora.

Na verdade, não havia qualquer razão para ficar, a não ser por estar a precisar de uma bebida. E estava danado com o Passarão por ele me ter feito um manguito. Não era lá muito diplomático da parte dele. Quer dizer, isto é o meu país, certo? Ele é um hóspede. E eu não sou seu refém.

— John? Lamento não ter podido contar-lhe. Eles queriam proceder como se isto fosse uma vigilância normal, para que o sujeito não percebesse, pelas nossas ações, que sabíamos para onde é que ele ia — explicou ela. — Mas eu sabia, para o caso de o perdermos.

— Certo. Não interessa. — Eu não fazia ideia de quem teria tido essa brilhante ideia, mas podia calcular que fora o Tom Walsh, o agente especial do FBI encarregado da Brigada Antiterrorista em Nova Iorque. Walsh está algures entre o génio e o idiota, e não há muito espaço a separar os dois. Além disso, ele adora as cenas de capa e espada e não entende lá muito bem o trabalho normal da Polícia. Ou seja, esta treta dos secretismos nunca aconteceria quando

eu era polícia. Mas é um mundo novo e um emprego novo e eu não levo isto a peito.

Para mudar de assunto, sugeri:

— Ligue à equipa das Operações Especiais para sabermos do Passarão.

Todos nós temos estes tais telefones *Nextel* que, como já disse, vêm com um extra — servem de *walkie-talkie* — e Ms. Sims deu um toque a um dos tipos das OE, deu a nossa localização e pediu que nos avisassem se o Passarão saísse do seu quarto, se viesse para o casino ou qualquer coisa assim.

Ficámos então à conversa, em geral sobre a vinda dela para Nova Iorque, de que não gostava pessoalmente, mas gostava profissionalmente. Em algumas coisas, Lisa Sims lembrava-me a minha mulher, Kate Mayfield, que conheci no emprego há três anos, no já mencionado caso do cabrão líbio. Kate também é do interior e ao princípio não estava entusiasmada com a colocação em Nova Iorque, mas, depois de me conhecer, ela já não iria querer viver noutra parte. Deu-se o 11 de Setembro e logo a seguir ela queria que pedíssemos transferência para fora de Nova Iorque, mas, quando o trauma se desvaneceu —, estávamos lá os dois quando aquilo aconteceu — pensou melhor e apercebeu-se de que não poderia partir. O que foi bom, porque eu não me teria ido embora.

Tomei uma segunda bebida, mas Ms. Sims — que agora era a Lisa — mudou para uma laranja porque eu lhe disse que ela ia conduzir na volta.

O telemóvel dela tocou; atendeu, ficou a ouvir e respondeu:

— *Okay*, provavelmente nós vamo-nos embora. — Desligou e disse-me: — O Passarão está sozinho numa mesa de roleta.

— Como é que se está a sair?

— Não perguntei. — Pediu a conta, pagou e saímos do Salão do Ego.

A minha colega encaminhou-se para o átrio, mas eu confessei:

— Só quero ver este tipo mais de perto.

Ela hesitou, mas cedeu ao meu senso profissional.

Entrámos no enorme casino e a Lisa ligou ao seu contacto na equipa das Operações Especiais para saber informações sobre o Passarão. Dali a minutos avistámo-lo sentado a uma mesa de roleta com uma bebida na mão.

O comportamento pecaminoso dos iranianos não é problema meu — de facto, nós gravamos isto tudo em filme, porque pode ser útil —, mas acho que há qualquer coisa profundamente esquizofrénica nesta gente, uma desconexão total que não faz bem à cabeça.

— *Okay?* Lá está ele. Vamo-nos embora — disse a Lisa.

— Satanás entrou na alma dele — comentei.

— Pois. Estou a ver.

— Tenho de o ajudar.

— John...

— Vamos buscar umas fichas e jogar nas máquinas.

— John...

— Venha daí.

Dei-lhe o braço e fomos até à caixa, onde comprei cem fichas de um dólar com o meu cartão de crédito do Governo — o pessoal da contabilidade vai dar uma boa gargalhada com isto — e fomos direitos às máquinas de um dólar, de onde podíamos ver as costas do Passarão.

Lisa e eu sentámo-nos lado a lado, em duas máquinas de póquer, e perguntei-lhe:

— Alguma vez jogou nas máquinas?

— Não.

— Sabe jogar póquer?

— Sei.

Dividi as fichas prateadas, expliquei-lhe rapidamente como funcionava a máquina e começámos a jogar. Eles deviam ter um jogo chamado *Tanso*. Se fizermos cinco tansos de seguida, a máquina dá-nos um chuto nos tintins e engole as moedas todas que temos no tabuleiro.

Pedimos uma bebida para cada um a uma empregada que passou e eu inspirei o fumo em segunda mão de uma senhora gorda e cata-tónica sentada ao meu lado.

Enfim, tivemos alguns altos e baixos e Lisa já estava a entrar naquilo, na esperança de se reformar mais cedo com o *jackpot* de um zilião de dólares. Entretanto, o Passarão afundava-se cada vez mais nas fogueiras do inferno a cada rotação da roleta. Eu tinha de o salvar.

Ao fim de uma meia hora, o Passarão recolheu as suas fichas e levantou-se. Foi até às mesas de *blackjack*, mas hesitou e decidiu ir a outro lado qualquer.

Lisa tirou quatro reis e a máquina tilintou e cuspiu uma cascata de moedas para o seu tabuleiro.

— O Passarão está em movimento — disse-lhe. — Fique aqui e jogue com a minha máquina. Ligue para a equipa das Operações Especiais e diga-lhes que vou atrás dele.

Ela olhou em volta, lembrando-se de onde estava, e respondeu:

— *Okay...*

Atravessei o piso do casino, na esperança de que o Passarão se dirigisse para os elevadores, para a casa de banho ou para o corredor — qualquer sítio onde pudéssemos ficar sozinhos e ter uma conversa.

Pela maneira de andar, ele precisava de fazer uma mijagem e com certeza ia direito à casinha. Fui atrás dele por um corredor e vi-o entrar na casa de banho dos homens. Fui também.

Estes tipos não mijam no urinol — gostam de privacidade quando tiram a pila cá para fora — e o Passarão estava num dos cubículos.

Estavam dois fulanos nos urinóis e um no lavatório. Silenciosa e diplomaticamente, mostrei o meu cartão e disse-lhes que saíssem rapidamente, pedindo a um que ficasse lá fora e não deixasse ninguém entrar.

Sáiram e pus-me ao pé do lavatório a olhar para o espelho. A porta do cubículo abriu-se sem se ouvir o autoclismo. De facto, o Passarão nem sequer foi ao lavatório.

Virei-me para trás e ele lançou-me uma olhadela, mas percebi que não me reconheceu. Mas nessa altura passou à ação. Precipitou-se para mim e conseguiu esborrachar os tomates contra o meu punho. Bem, isto apanhou-me de surpresa e recuei, enquanto ele fazia mais um gesto agressivo, que foi cair de joelhos e soltar uns rugidos ameaçadores para mim. Os olhos dele reviraram-se como as rodinhas de uma máquina de jogos, tombou para a frente e ficou estendido no chão, a respirar ruidosamente, pronto para atacar outra vez. Eu não queria provocar um acidente internacional, por isso pedi licença para me retirar, com um «vai-te foder», e saí.

No corredor, dispensei o meu ajudante e voltei para o casino, onde encontrei a Lisa, que trazia uma caixa de plástico cheia de fichas.

— Onde esteve?

— Na casa de banho.

— Onde está o Pass...

— Está na altura de nos irmos embora.

Seguimos para o átrio e ela perguntou:

— O que faço com estas fichas?

— Dê-as à contabilidade.

Chegámos à rua e fomos para o todo-o-terreno.

— O que aconteceu? — perguntou Lisa. — Onde está o Passarão?

Quanto menos soubesse, melhor para ela, claro, por isso respondi:

— Na casa de banho.

— Quem está a vigiá-lo? Ele está em movimento?

— Hum... nem por isso.

— John...

— Ligue à equipa da OE e comunique a última localização dele.

Chegámos ao todo-o-terreno e decidi conduzir. Ela deu-me as chaves, entrámos e arranquei.

Lisa ligou para a equipa de vigilância e disse-lhes que eu deixara o Passarão na casa de banho, o que eles já sabiam. Ela ficou a ouvir, desligou e contou-me:

— O Passarão... caiu, ou coisa que o valha.

— O chão escorrega quando está molhado.

Encaminhei-me para a Garden State Parkway a fim de sair da cidade.

Ao fim de uns minutos ela perguntou:

— Você... encontrou-se com ele?

— Hei, que tal nos safámos? Quanto tem aí?

Ela deu uma olhadela à caixa no chão e disse:

— Acho que ganhámos dez dólares. Nada mau para uma hora de trabalho.

Ficou calada um momento e comentou:

— Bem... suponho que ele não esteja em boa posição para apresentar queixa.

Não respondi.

Entrámos na Parkway em sentido norte, a caminho de Nova Iorque, a cerca de duzentos quilómetros, a menos de duas horas se eu fosse a puxar. O sol estava abaixo do horizonte e o céu a oeste escurecia rapidamente.

— Nós estamos, tipo... a dar à sola? — perguntou a Lisa.

— Não. Nós somos a lei.

— Pois. Disseram-me que eu ia aprender muito consigo.

— Sou uma lenda?

— Só na sua cabeça. — Mas a seguir observou: — É esperto e parece um tipo simpático. Mas também tem um outro lado.

Não respondi.

— E está decidido a vingar-se — comentou ainda.

— Bem, nesse caso estou no trabalho certo.

Ela não tinha resposta para isto e continuámos em silêncio. Passado um bocado, declarou:

— Se surgir algum problema a respeito desta tarde, você nunca saiu da minha vista.

— Não vai haver problema algum — garanti-lhe. — Mas obrigado.

— E talvez um dia faça a mesma coisa por mim.

— Não tenha dúvida.

Lisa lançou-me uma olhadela e ficou a olhar pelo para-brisas, para a estrada escura à nossa frente.

— Isto é um trabalho duro — disse ela, como que para si mesma.

Qual teria sido a tua primeira pista?

— E cada vez mais duro — respondi.

Ela assentiu e concluiu:

— Ótimo.

Parei numa área de serviço da autoestrada, Lisa Sims comeu o seu queque, eu meti gasolina e ambos comprámos café para levar.

De volta à estrada, falámos sobretudo a respeito da vida em Nova Iorque e um bocadinho sobre o facto de eu ter estado nas Torres quando foram atingidas. Isto muda-nos. Ver milhares de pessoas a morrer muda-nos.

Apanhámos o Holland Tunnel para entrar em Manhattan e deixei-a no número 26 da Federal Plaza, onde tinha trabalho para fazer.

— Dê as fichas à contabilidade — lembrei-lhe.

Segui para o meu apartamento na East 72nd e cheguei à porta pouco depois das dez da noite. Kate estava em casa, a ver o noticiário das dez, e perguntou-me:

— Como correu?

— *Okay*. O alvo foi até Atlantic City e nós seguimo-lo.

— Queres uma bebida?

— Claro. Como foi o teu dia?

— No escritório o dia todo.

Preparámos as bebidas, tilintámos os copos, demos uma beijoca e sentámo-nos a ver as notícias juntos.

Estava à espera de uma reportagem sobre um diplomata iraniano das Nações Unidas que fora encontrado na casa de banho dos homens do Taj Mahal Casino com os tomates encravados nas goelas, mas aparentemente isto não ia ser notícia.

Desligámos a televisão e Kate e eu conversámos sobre o nosso dia a travar a guerra contra o terrorismo. Depois de esgotarmos o assunto, ela lembrou-me que íamos passar o fim de semana ao norte — para fazer paraquedismo.

Aquilo não era o meu assunto favorito, mas ela estava entusiasmada.

Além de eu não gostar de árvores, nem de matas, nem de ursos, nem do que mais existir a norte do Bronx, podem ter a certeza de que também não gosto de saltar de aviões. Não tenho qualquer medo particular das alturas ou de morrer, mas não vejo motivo para me arriscar só para me divertir. Já enfrento perigo suficiente no meu trabalho. E tenho o divertimento todo que quero. Como o desta noite.

Mas sou um bom tipo e um bom marido, por isso concordei fazer paraquedismo. E, no espírito da contrapartida — como dizem os diplomatas —, Kate aceitou beber e fazer sexo oral. Funciona.

Saí para a varanda do meu trigésimo quarto andar e olhei para sul, para o lado da ilha de Manhattan. Que vista. No entanto, as Torres Gémeas tinham desaparecido da paisagem. E estiquei dois dedos em V contra o sítio onde elas costumavam estar. Vitória e paz.

Já não será no meu tempo, mas talvez um dia.

Entretanto, o nome do jogo, como Lisa Sims depreendera, era vingança.